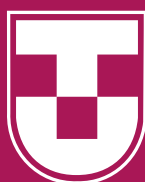




e-GELP

Boletim eletrônico do
Grupo de Estudos em
Língua Portuguesa

Nº 1 • JULHO 2024



UNITAU
Universidade de Taubaté



EXPEDIENTE

edUNITAU - Editora da Universidade de Taubaté

| Presidente

Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

| Conselho Editorial

Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

Shirlei de Moura Righeti

Profa. Dra. Emari Andrade

Profa. Dra. Monica Franchi Carniello

Profa. Dra. Eliane Stevanato

Profa. Dra. Kátia Celina da Silva Richetto

| Consultoria Ad Hoc

Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

| Equipe Técnica

Alessandro Squarcini

Grupo de Estudos em Língua Portuguesa - GELP

Sistema Integrado de Bibliotecas - SiBI

| Avaliação, parecer e revisão por pares

Esta obra foi avaliada por pares

e indicada para publicação

| Projeto gráfico

Capa: Daiane Marcon Capeleto

Diagramação: Daiane Marcon Capeleto

Revista: GELP

Impressão: Eletrônica (e-book)

Sistema Integrado de Bibliotecas - SiBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

E111 e-GELP: boletim eletrônico do GELP [recurso eletrônico] /
organizador Emari Andrade; Gisele Maria Souza Barachati...
[et al.]. –Dados eletrônicos. – 2. ed. – Taubaté: EdUnitau, 2025.
1 recurso online (18 p.). – (Boletim Eletrônico do GELP; v. 1).

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe

Modo de acesso: world wide web

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Literatura. 4. Letramento. I. Andrade,
Emari (org.). II. Barachati, Gisele Maria Souza. III. Amaral, Isabel
Rosângela dos Santos. IV. França, Renato. V. Freire, Matheus
Gabriel de Castro. VI. Título.

CDD – 372.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

Leitura – 372.4

Escrita – 808

Literatura – 800

Letramento – 372.6

Copyright © by Editora da UNITAU, 2025

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



EXPEDIENTE

GELP - Grupo de Estudos em Língua Portuguesa

| Direção do Instituto Básico de Humanidades (IBH):

Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

| Edição e coordenação do Grupo de Estudos em Língua Portuguesa (GELP):

Profa. Dra. Emari Andrade

| Articulistas

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouveia

Prof. Me. Renato Gomes França

Profa. Dra. Emari Andrade

Ana Júlia da Sila

André Buzzetti

Caio Pascoal

Eliane Papareli

Laiza de Toledo

Luana Cursino

Victoria Maria Bussi

• Você conhece o GELP, Grupo de Estudos em Língua Portuguesa?



foto: acervo pessoal

Nós estamos no Instituto Básico de Humanidades da UNITAU há 37 anos, dedicando-nos à pesquisa, ensino, extensão e produção de material didático e audiovisual em Língua Portuguesa. Estamos muito contentes em compartilhar com você um novo projeto: A Revista do GELP, que tem como foco trazer temas e reflexões a respeito das sutilezas da língua, da literatura, da música, enfim, das múltiplas linguagens de um modo acessível e atual.

Nesta primeira edição, convidamos você a conferir o resultado de um dos projetos que desenvolvemos no 1º semestre de 2024: **A malandragem na cultura brasileira**. Com certeza você já ouviu falar da “malandragem” do brasileiro, expressão recorrente desde jogos de futebol a telenovelas e filmes brasileiros. Mas, você sabe quando e por que surgiu o que conceito de malandro? Ou, ainda, como esse é retratado na literatura brasileira? É isso e um pouquinho mais que convidamos você a ler nesta edição. Ah! Em breve, teremos mais novidades para que o GELP continue fazendo ainda mais parte de sua vida acadêmica!



foto: acervo pessoal



Astuto e sagaz, o malandro típico relata suas próprias proezas, construindo uma realidade adaptada à sua perspectiva de mundo.

Dentre essas características, destacam-se o confronto com a dura realidade, conduzindo à mentira, à dissimulação e ao roubo, e à perda da ingenuidade, resultando no conhecimento das brutalidades da vida. Essas vivências transformam o malandro em um indivíduo perspicaz e praticamente destituído de escrúpulos, visando a proteger-se das crueldades da existência. Vamos conhecê-lo?

ÍNDICE

06

Heróis da malandragem: um olhar sobre a percepção social

07

A malandragem: Identidade do povo, parte I

09

A malandragem: Identidade do povo, parte II

10

O malandro na Era Vargas

12

O Brasil malandro em: Memórias de um sargento de milícias

15

Macunaíma: a carapuça que nos cabe e a figura malandra brasileira

17

Referências bibliográficas

Heróis da malandragem

um olhar sobre a percepção social

Victória Bussi | 3º período de Letras

Caro leitor, nesta seção, trataremos da percepção social acerca da figura do malandro.

O arquétipo do malandro tem raízes profundas na cultura popular brasileira desde os tempos coloniais, quando indivíduos marginalizados, muitas vezes negros e mulatos, buscavam maneiras criativas de sobreviver em meio a um ambiente hostil.

O malandro, na cultura brasileira, transcende a mera figura do oportunista sem escrúpulos. Ele é visto como um herói ambíguo, habilidoso e sedutor, capaz de navegar pelas complexidades da vida urbana com astúcia e sagacidade.

O malandro se destaca por narrar suas próprias aventuras, moldando uma realidade que reflete sua perspectiva única do mundo.

Esse personagem singular encara de frente a realidade áspera, em que a mentira, a dissimulação e o roubo se apresentam como estratégias de sobrevivência. Ao perder a inocência, o malandro ganha uma compreensão profunda das crueldades da vida, moldando-se em um indivíduo perspicaz, muitas vezes desprovido de escrúpulos, mas sempre em busca de proteção contra as adversidades.

Psicologicamente, o malandro adota uma falsa candura como uma estratégia de defesa. Suas características distintivas delineiam o arquétipo da malandragem, expressando-se em ditados populares como "Malandro não para, malandro dá um tempo" e "Malandro é malandro, mané é mané".

Essa figura continua a ressoar na sociedade contemporânea, desafiando definições simples de herói ou de vilão, e convidando-nos a refletir sobre as complexidades da identidade e da sobrevivência em contextos adversos.

Um dos maiores ícones da boemia negra no Brasil é Madame Satã, famoso símbolo de resistência cultural. Conhecido por sua valentia e enfrentamentos frequentes com a polícia, Madame Satã desafiava os padrões da época ao ser um homossexual assumido e interpretar personagens femininas tanto no teatro quanto no carnaval.

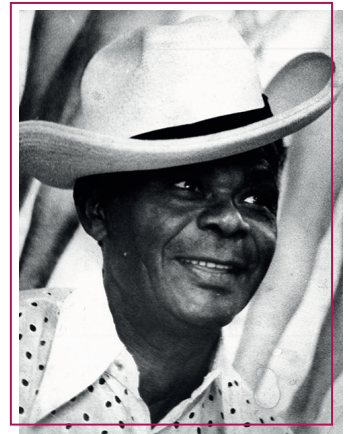


foto: primeironegros.com

Segundo Rogério Durst:

“ Satã era um prato cheio para a polícia: homossexual, preto, malandro e, ainda por cima, vivia batendo em policiais. ”

A malandragem

identidade do povo, parte I

Laiza de Toledo | 5º período de História

Na cultura brasileira, a figura emblemática do malandro é caracterizada pela ousadia, pela sagacidade e pela esperteza, tráfegando pela ambiguidade e pela irreverência, representando, muitas vezes, alguém à margem da sociedade, o que leva à observação de uma sociedade desigual e excludente, revelando uma faceta na construção da identidade nacional.



Na década de 1888, após a Lei Áurea, os negros escravizados passaram a viver segregados, em grupos marginalizados. Com a transição entre a monarquia e a república no Brasil, o país experimentou transformações profundas, particularmente na capital.

A cidade do Rio de Janeiro passou por mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais que consolidaram a metrópole. O rápido crescimento da cidade acarretou sérios problemas demográficos.

Além disso, com a abolição e a imigração, acabou gerando uma grande quantidade de pessoas sem ocupação fixa, além das dificuldades de acesso ao abastecimento de água, ao saneamento e à higiene, enfim, problemas infraestruturais.

Ademais, em 1891, a nova constituição não obrigava o Estado a fornecer educação, o que resultava na impossibilidade de ex-escravos participarem dos direitos políticos. Somado a isso, o distanciamento do povo refletia no combate a capoeiristas, a bicheiros e aos cortiços por parte dos poderes instituídos. Essa repressão aos elementos considerados marginalizados demonstrava a tentativa de controle social por parte do novo regime republicano.

Dessa forma, pode-se perceber que a transição para a república, ao mesmo tempo em que buscava modernizar e organizar o país, também ampliava a exclusão social de diversos grupos, particularmente o dos negros recém-libertos e o dos pobres urbanos. A elite buscou formas de forçar os grupos marginalizados a se submeterem a trabalhos que, em sua maioria, eram degradantes, e uma das formas encontradas foi a criminalização do samba e a criação do delito de vadiagem de 1890.



imagens: malandros da umbanda

O malandro se manifesta de diversas maneiras, desde o trabalhador informal que improvisa para garantir o sustento até o artista que usa a criatividade para se destacar. A figura foi gradualmente se associando ao carnaval, aos subúrbios cariocas e, na oralitura, com o personagem Pedro Malasartes. Contudo, o malandro não significa forçosamente ser preguiçoso ou vagabundo, e não utiliza sistematicamente camisa listrada, não anda gingando, não veste terno de linho branco e não usa lenço no pescoço. Assim, também, seus parceiros não são necessariamente bêbados, mendigos, bicheiros ou pessoas de classe baixa.

Segundo Roberto DaMatta (1997, p. 263), o malandro é:

“ (...) um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se ”

O samba, gênero musical tão difundido no Brasil, é o principal veículo de expressão do malandro.

Com letras que exaltam a boemia, a vida noturna e as pequenas trapaças do dia a dia, o samba se torna o hino de uma geração que se identifica com essa figura.

Na literatura, o malandro aparece em obras de grandes autores como Oswald de Andrade, João do Rio, Lima Barreto, contemporâneos da época, que descreveram, em seus trabalhos, personagens que, embora muitas vezes envolvidos em atividades ilícitas, são retratados, evidenciando-se as contradições e as complexidades da sociedade brasileira.

O malandro, frequentemente, está associado às religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. Acompanhando a ideia, a entidade Zé Pelintra, do catimbó, é considerada uma das protetoras daqueles que vivem à margem da sociedade.

Portanto, a figura do malandro emerge como um símbolo multifacetado da identidade brasileira, refletindo tanto as dificuldades quanto a resistência dos grupos marginalizados em um período de transformação e de exclusão social.

Ele representa a habilidade de navegar pelas adversidades com astúcia e irreverência, desviando as normas impostas e buscando um espaço próprio na sociedade. O malandro é uma parte viva e pulsante da identidade do povo brasileiro.

A malandragem

identidade do povo, parte II

Luana Cursino | 3º período de História

A malandragem é vista como uma forma de resistência, uma maneira de expor e questionar as normas sociais, perpetuando certas estruturas ao invés de desafiá-las abertamente e continuando um ciclo de adaptação e resistência. A figura do malandro é utilizada para explorar essa dinâmica complexa na formação da identidade nacional brasileira. A malandragem não se trata apenas de uma atitude subversiva, mas também de uma adaptação astuta às circunstâncias adversas impostas por uma sociedade marcada pela desigualdade e opressão. O malandro não confronta diretamente o sistema; em vez disso, ele navega pelas suas brechas, utilizando a astúcia, o charme e a improvisação para sobreviver e prosperar. Essa forma de resistência sutil revela uma estratégia de adaptação que desafia as normas sociais de maneira indireta, expondo suas falhas e inconsistências.

No contexto histórico do Brasil, especialmente durante as transformações sociais e econômicas do final do século XIX e início do XX, a figura do malandro surgiu como um símbolo da criatividade e da resistência das classes marginalizadas. A abolição da escravidão e a urbanização crescente criaram novas dinâmicas sociais, nas quais o malandro se destacou como um personagem que, embora operando à margem da sociedade, refletia as contradições e as tensões da nova ordem social.



foto: thir.com.br/portal/povo-da-malandragem/

O Malandro na Era Vargas

André Buzzetti | 5º período de Letras

Mas, afinal, o que a Era Vargas tem a ver com a figura do malandro brasileiro?

Olá, leitor! Sou o André, bolsista do GELP e aluno de Letras do 5º Semestre. Neste texto, quero convidá-lo a viajar no tempo e a visitar um momento histórico muito relevante do nosso país: a Era Vargas (1930-1945). Naquela época, a ordem e a desordem marcaram a construção do nosso país, trazendo consequências importantes para a cultura. A figura do malandro, naquele momento da história brasileira, partilhava do ideal da origem desse personagem no folclore nacional.

Trata-se do sujeito que se aproveitava dos outros, que era um galanteador, que marcava presença nas ruas e nas noites. O malandro se enquadra numa posição de abdicar e de escarnecer suas funções sociais, tais como a obediência, o respeito às autoridades e à propriedade alheia.

Podemos tomar como um dos expoentes da época o escritor paulista Oswald de Andrade. Conhecido como um dos grandes nomes do modernismo brasileiro, ele seria um dos representantes dessa vertente, envolvendo uma escrita fragmentada, imbuída de certo anarquismo, que permitia visualizar a liberdade total na sociedade. Sua visão de sociedade avulta o senso do que é móvel, a miragem da transição e os movimentos ideológicos de classes. Era dito que sua mera presença atulhava o meio em que ele transitava, tamanha sua relevância. Convido você a ler um dos poemas mais famosos desse autor. O texto foi publicado em 1925:



foto: vermelho.org.br

Pronomiais

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro*



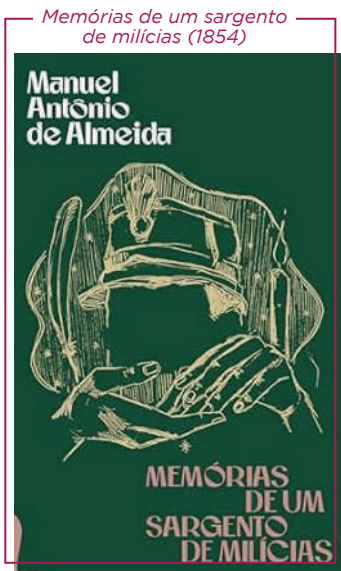
Nesse meio em que Oswald de Andrade vivia, o contexto social e econômico da Era Vargas defendia inovações tecnológicas como motor do capitalismo. Essa dinâmica envolvia complexos industriais e a interdependência tecnológica, além da competição de mercado, elementos que o Brasil da época mal apresentava, devido à baixa desenvoltura industrial. A economia passaria a ser tratada como um mecanismo em processo evolutivo, em equilíbrio, englobando o empresário inovador, dando-lhe crédito e empréstimos bancários.

Assim, é possível percebermos como a figura do típico malandro encontrava diversas barreiras naquela sociedade. Além das novidades econômicas, havia a repressão e o policiamento contra os tais “marginais e delinquentes”, já que as figuras malandras se provavam como uma ameaça e afronta ao sistema de Vargas e ao ambiente socioeconômico brasileiro. Podemos ver essas questões em obras de Oswald, como *Serafim Ponte Grande* e *o Rei da Vela*.

Esse foi um panorama geral sobre a época e algumas das razões do porquê a Era Vargas foi um capítulo importante para a formação do ideal do malandro, além da figura de Oswald de Andrade nesse meio. Para saber mais sobre o tema, acesse: blog.bbm.usp.br/2019/formacao-de-uma-geracao-de-criticos-revista-clima-1941-44/

O Brasil malandro em: Memórias de um sargento de milícias

Caio Pascoal | 5º período de Letras



Dentre os livros que caracterizam o malandro, o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida, é, com certeza, a obra que mais se destaca, nos dando um panorama da sociedade brasileira e o lugar do malandro nela.

Antes de tratar da malandragem no romance de Manuel Antônio, precisamos esclarecer um dos campos do fenômeno literário: a crítica literária. É por meio da crítica e do crítico que podemos situar uma obra e entender tudo o que ela tem a nos oferecer, seja de bom ou de ruim.

Vejamos o que diz o Mestre Luzimar Goulart Gouvêa, professor de Teoria Literária e Literatura Portuguesa da Universidade de Taubaté (Unitau), além de professor vinculado ao GELP, sobre a crítica:

“**A crítica literária é uma área dentro do campo dos estudos literários. Crítica literária, em primeira e em última instância, é sinônimo de estudo, estudo literário. Esse estudo ajuda a compreender a obra e é o oposto de crítica baseada no senso comum, numa opinião pessoal. Há aspectos conceituais e artísticos, estéticos, e há uma verdade intrínseca à obra que devem ser observados a partir de um estudo que pode ajudar a atribuir valor à obra. Daí que a obra tem uma materialidade a ser tratada, mesmo que haja seus componentes imateriais, a polissemia, a atmosfera etc., componentes que requerem estudo, quer na perspectiva da tradição, quer na perspectiva da invenção, da inovação.**”

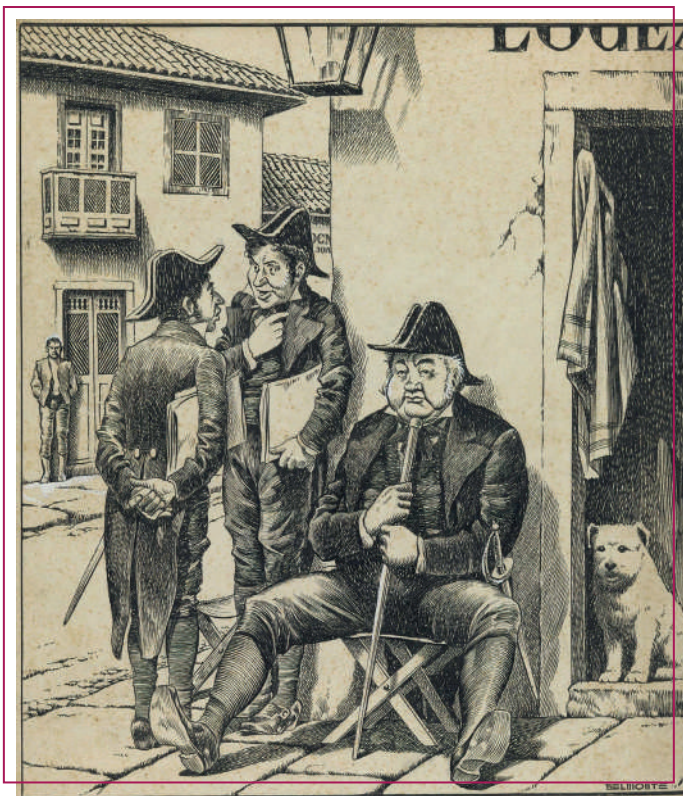
Há aspectos conceituais e artísticos, estéticos, e há uma verdade intrínseca à obra que devem ser observados a partir de um estudo que pode ajudar a atribuir valor à obra. Daí que a obra tem uma materialidade a ser tratada, mesmo que haja seus componentes imateriais, a polissemia, a atmosfera etc., componentes que requerem estudo, quer na perspectiva da tradição, quer na perspectiva da invenção, da inovação”.

O conceito de crítica literária, resumidamente, é: avaliar uma obra pelo seu enredo, pelo texto, pela estrutura, pelos temas levantados e apontar como essas histórias se relacionam com o nosso mundo. A crítica pode se caracterizar em dois tipos: a que leva em conta a forma do texto, os pressupostos teóricos, os elementos técnicos; e a que leva em conta o conteúdo do texto, as impressões, as sensações etc.

Com isso, tomemos o caso de *Memórias*. O romance, escrito no período do romantismo, época em que se procurava definir a identidade do povo brasileiro, cumpre, de certa forma, esse objetivo de identificação, o que alguns críticos, como Antonio Candido, um dos maiores do Brasil, irão discutir e nos mostrar.

Ao longo do tempo, a obra passa a ser classificada de diferentes maneiras, por conta das diferentes críticas e análises recebidas por ela. A primeira crítica importante e que determinou como o livro seria lido dali em diante deu-se por José Veríssimo, em 1894, que definiu o romance como um romance de costumes e de transição, do Romantismo ao Realismo. A segunda crítica importante, e que passou a dominar o sentido que o texto tomaria a partir daí, foi a crítica de Mário de Andrade, em 1941, afirmando que a obra seria um romance do tipo marginal, no estilo da literatura picaresca espanhola. Em 1956, Darcy Damasceno faz uma breve análise estilística do romance, porém insuficiente, o que leva Antônio Cândido, 14 anos depois, em 1971, a escrever sua crítica, *Dialética da Malandragem*; esse texto crítico, 117 anos depois, passará a dominar a leitura do sentido que a obra tinha, e tem, para a literatura brasileira e para a cultura brasileira.

Ainda hoje, a obra de Manuel Antônio de Almeida é intensamente discutida, mas, basicamente, foi com a crítica de Antônio Cândido que o romance passou a ter esse reconhecimento de um romance malandro, o primeiro romance brasileiro a inserir essa figura.



desenho: Belmonte

O personagem principal, Leonardo, é o primeiro grande malandro que entra na narrativa brasileira, Candido afirma.

Assim, por meio da crítica e desse esclarecimento acerca da malandragem, podemos entender o porquê de *Memórias de um Sargento de Milícias* ser tão importante para a nossa literatura. Os personagens daquele Rio de Janeiro do século XIX ilustram bem as fragilidades de parte da sociedade brasileira, daquele e deste tempo, da sociedade do século XIX e do século XXI. Ainda na *Dialética da Malandragem*, Candido diz que *Memórias* nos mostra um mundo sem culpa, um universo liberto do peso do erro e do pecado, em que parece não haver certo e nem errado. Isso nos leva a pensar no Brasil e na sua configuração atual, na qual, para sobreviver, vemos, muitas vezes, pessoas tendo de agir entre o certo e o errado, tendo de “dar uma de malandro”, um “jeitinho”, daí, também, a expressão “jeitinho brasileiro”.

Agora, para que ler esse livro? Com capítulos curtos e uma narrativa cativante, *Memórias de um Sargento de Milícias*, nos apresenta, em um estilo único, o país em que vivemos por uma outra perspectiva. Esse, é um livro que nos ajuda a compreender o lugar e o tempo em que vivemos.

Fácil de ser encontrado em qualquer biblioteca pública, o livro pode, também, ser acessado gratuitamente online, via PDF. Além disso, para contribuir com o repertório cultural, vai a indicação de um samba, de composição de Paulinho da Viola e gravação de Martinho da Vila, que tem o mesmo nome da obra, *Memórias de um Sargento de Milícias*, lançado em 1971.



Era o tempo do rei
Quando aqui, chegou
Um modesto casal feliz pelo recente amor
Leonardo, tornando-se meirinho
Deu a Maria Hortaliça um novo lar
Um pouco de conforto e de carinho
Dessa união, nasceu
Um lindo varão
Que recebeu o mesmo nome do seu pai
Personagem central da história que
contamos neste carnaval”

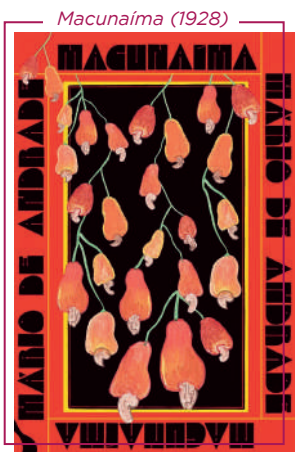
Macunaíma

a carapuça que nos cabe e a figura malandra brasileira

Ana Júlia da Sila & Eliane Papareli | 7º período de Letras



foto: reprodução



Você conhece Macunaíma (1928), definido pelo próprio autor, Mário de Andrade, como “o herói sem nenhum caráter”? Concorda que Macunaíma é o “herói da nossa gente”? (Andrade, 2019, p. 11). Ai que preguiça..., diria o herói.

Neste texto, a partir de três perguntas feitas por Darcy Ribeiro, em uma introdução sobre a rapsódia moderna (Bosi, 2003), queremos entender: “Por que herói? Por que sem nenhum caráter? Por que de nossa gente?” (1988, p. 19).

Darcy Ribeiro afirma que o herói, para ele, seria no “sentido mítico”, no que se refere ao outro sentido. Nas palavras de Darcy, ele se refere ao “[...] trickster^[1], insólito, que se encontra com tanta frequência nas nossas mitologias indígenas.

São uns gozadores que, mentindo, maliciando, enganando, arteiros e treteiros, atribuem inteligência à ingenuidade do herói principal.” (Ribeiro, 1988, p. 19).

Dessa maneira, temos em Macunaíma esse “malandro que seria elevado à categoria de símbolo [...]” (Candido, 2002) e que acabamos tendo como o nosso herói. Vemos, em Macunaíma, o herói que consegue esse posto a partir de sua esperteza e malícia – ou seja, pela sua malandragem – e não pela força. Por que sem nenhum caráter? Macunaíma, na verdade, é uma figura repleta de caráter. Enxergamos nele uma personagem que representa o brasileiro de um jeito único: alegre e que se contrapõe às pessoas “ruins” e de senso comum.

Isso é possível encontrar quando Darcy Ribeiro afirma que a personagem contrapõe o senso comum de gente séria, bem-comportada, ganhadora de dinheiro e virtuosas e “os que fazem e conservam este mundo feio e triste [...]” (Ribeiro, 1988, p. 19). Mário de Andrade apresenta Macunaíma com uma “bobice circunspecta”, a

qual também rodeava seu mundo. Por que de nossa gente? Darcy Ribeiro explica que essa figura foi “destinada” por Mário de Andrade para ser o herói da nossa gente “[...] porque ele veste a carne que nos veste; porque é a carapuça que nos cabe, a nós brasileiros” (Ribeiro, 1988, p. 19).

Depois disso, afirma que está se referindo ao “[...] brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, o que, aparentemente, é toda uma contradição” (Ribeiro, 1988, p. 19). O brasileiro, para Mário, é a figura alegre que se diverte no carnaval, que canta, dança, ironiza e ri e que “[...] se vinga de quem, além de oprimi-lo e explorá-lo, ainda quer fazer sua cabeça” (idem) e, para o autor, “[...] a qualidade maior de Macunaíma é dar expressão à alegria brasileira” (Ribeiro, 1988, p. 20).

Quanto de Brasil podemos aprender com a personagem Macunaíma! Ela é considerada um arquétipo malandro, pois, como Darcy Ribeiro apresenta, Macunaína acaba desafiando autoridades e o senso comum imposto pela sociedade. Repleto de malícia, astúcia e contando diversas mentiras, conseguia se esquivar de situações penosas e desvantajosas. Suas táticas malandras eram realizadas de modo estratégico e pensava sempre em beneficiar seu povo, demonstrando seu lado alegre e empático.

Ficou curioso? Delicie-se com as peripécias no herói de nossa gente (caso preferir, também há a opção de conhecê-lo a partir de um olhar cinematográfico, filme dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, em 1969).

[1] Segundo Conradie (2022), trickster representa uma figura norte-americana do que seria o pícaro espanhol ou o malandro brasileiro.

| Você conhece a expressão “amigo da onça”?

“Amigo da onça” é uma expressão popular brasileira, usado para se referir ao indivíduo que não é de confiança e tenta enganar seus “amigos” para levar a melhor sobre os outros. A expressão se popularizou a partir da personagem “Amigo da Onça”, criada pelo cartunista Péricles de Andrade Maranhão para a revista O Cruzeiro em 1943. O amigo da onça, que não é amigo, é outra manifestação deliciosa do malandro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.;

GOMES, Tiago de Melo. Formas e sentidos da identidade nacional: o malandro na cultura de massas (1884-1929) . *Revista de História*, São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18883..> Acesso em: 20 jun. 2024.;

Disponível em:
<https://blog.bbm.usp.br/2019/formacao-de-uma-geracao-de-criticos-revista-clima-1941-44/> Acesso em: 08/06/2024;

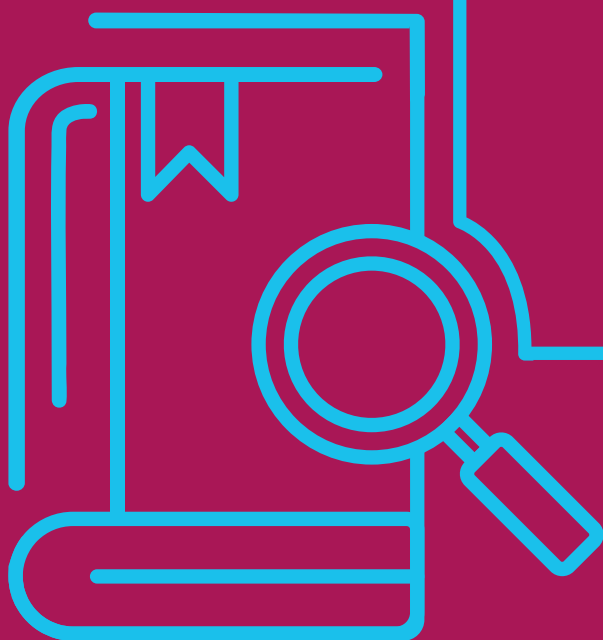
Disponível em: *Revista de Economia Política*, vol. 30, no 2 (118), pp. 254-270, abril-junho/2010 Acesso em: 08/06/2024;

Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i30p106-119>. Acesso em: 08/06/2024;

BOSI, Alfredo. *Situação de Macunaíma*. In: *Céu, Inferno*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003, 2ª edição.;

CONRADIE, P. W. Conceitos teóricos: definindo o trickster. *Revista Odisseia*, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2022. Tradutores: DALAGO, R. da Silva; BOTOSO, A.;

RIBEIRO, Darcy. *Liminar – Macunaíma*. In: *Macunaíma / Mário de Andrade. Edição Crítica. Coord. Telê Porto Ancona Lopez*. Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècles. Coleção Arquivos, v. 6, 1997.



Precisando de uma
mãozinha com a
leitura e a escrita?

Preencha o formulário
& agende um horário!



unitau.me/gelp



gelp@unitau.br

GELP
Grupo de estudos em
Língua Portuguesa

